



Biograph



ENTRE O SER PESSOA/MULHER E O SER PEDAGOGA: A FORMAÇÃO DIANTE DE DOIS PAPÉIS

Tereza Verena Melo da Paixão Sampaio

Universidade Federal da Bahia

Colégio Monsenhor Neiva

verena_sonho@hotmail.com

Rony Henrique Souza

Secretaria da Educação do Estado da Bahia

Colégio Estadual Professor Edgard Santos

rhsacaminho@hotmail.com

Era uma vez eu...

O dia a dia pouco nos propicia olhar para nós mesmos. Vivemos em uma sociedade do barulho, na maioria das vezes somos convidados a interpretar o mundo, mas nunca refletimos sobre os olhos de quem interpreta. Ao homem, desde o mito adâmico, coube a missão e a responsabilidade de nomear o mundo, mas ele mesmo não lhe nomeou.

Já na Grécia Antiga, Sócrates convidava o homem a conhecer a si mesmo. Na Idade Média o homem sai do foco e entra a figura do sagrado, estávamos em pleno teocentrismo. Depois, com o advento da modernidade vem o antropocentrismo, mas ao contrário do conceito, prevalecia a técnica e a ciência. Por fim na contemporaneidade o homem já não seria mais o centro, paira no mundo a inautenticidade. Sabemos que,

... na virada do século XVIII para o século XIX, graças às revoluções políticas e econômica que conhece então a Europa, o sujeito se descobre

dono de sua própria origem e de seu próprio fim, ao mesmo tempo que a configuração do saber que sucede a idade clássica, fundando um novo olhar sobre o homem e sobre o mundo, torna possível o nascimento das ciências humanas (DELORY.MOMBERYER, 2014, p. 40).

Na verdade vivemos em uma escola que não privilegia o autoconhecimento. Mesmo com o advento da Fenomenologia, Antropologia e, conseqüentemente, das Ciências Humanas, o estudo autobiográfico se configura como algo novo. O certo é que nós não aprendemos a olhar para nós mesmos. Somos frutos de um currículo feito para nós, mas sem nós. O social se configura no individual com ou sem o nosso consentimento. Somos o que os outros fizeram de nós, ou seja, o oposto que o clássico autor Exupery sugere no livro “O pequeno Príncipe”, somos formado de fora para dentro.

Diante disto tudo que já foi posto “o espaço da pesquisa biográfica consistiria então em perceber a relação singular que o indivíduo mantém, pela sua atividade biográfica, com o mundo histórico e social e em estudar as formas construídas que ele dá a sua experiência” (DELORY.MOMBERYER, 2012, p. 524).

O olhar agora é de dentro para fora. Sou eu que sei as razões que move a minha existência. A leitura exata do que vivo só eu posso dar, e uma vez que o outro possa falar deste objeto de estudo que sou eu, que ele tenha a nobreza de reconhecer que “Esse terreno e esse material são de natureza bem particular, já que o pesquisador não pode ter acesso a eles a não ser pela entrada que os sujeitos lhe dão mediante os atos de biografização a que se entregam” (DELORY.MOMBERYER, 2012, p. 525). Na verdade, nos “tornamos refém das narrativas, ou de uma narrativa com sentido de verdade. Inversamente, incumbe indagam: que verdades as narrativas que anunciamos em nossos estudos se põem sistematicamente a produzir verdades sobre nó mesmo? Por que estas e não outras verdades” (STEPHANOU, 2008 p. 34).O exercício que nos propomos aqui é autobiográfico pois busca, nas inconstâncias do ser, encontrar o sentido da sua profissão e,conseqüentemente, da prática docente.

Preciso salientar que tenho plena convicção que não foi a grade curricular do IAENE que me fez pedagoga, mas a vida, embora tenha orgulho e memória agradecida a instituição, pois sei que “a educação continuada não se restringe ao sistema formal ou profissional, mas, antes, engloba todas as atividades da vida social que são ou podem ser portadoras de educação” (MENEZES 2003, p. 318). Sou um pouquinho de tudo que os

espaços e as pessoas fizeram de mim, e neste espaço autobiográfico de reinvenção de nós mesmos “nossas narrativas de memória são narrativas de identidade” (STEPHANOU,2008, p. 33).

Aqui vamos pensar a partir do tempo. Deste tempo contemporâneo que vivo, olho para os tempos que residem em mim: primeira infância e segunda infância. Volto os porões de minha história entendendo que eles também fazem parte do meu castelo interior. Lugar onde me empodero, não mais querendo me silenciar ou ser silenciada, para dizer, sou eu que tenho de falar de mim. Este castelo não supõe outra rainha que não eu.

Primeira infância... Os contornos vividos em uma infância repleta de amor.

Parar... Pensar... Escrever sobre si... Nada fácil... Depois de tentativas e interrupções grave o que escrever para depois ouvir a mim mesma e ver o que pode ser dito e como ser dito. Na verdade,

A pesquisa com histórias de vida inscreve-se neste espaço onde o ator parte da experiência de si, questiona os sentidos de suas vivências e aprendizagens. A escrita da narrativa abre espaços e oportuniza, às professoras e professores em processo de formação, falar-ouvir e ler-escrever sobre suas experiências formadoras, descortinar possibilidades sobre a formação através do vivido. A construção da narração inscreve-se na subjetividade e estrutura-se num tempo, que não é linear, mas num tempo da consciência de si, das representações que o sujeito constrói de si mesmo (SOUZA 2008, p. 45).

Filha do caminhoneiro José Silva da Paixão, conhecido popularmente por Zequinha e daquela que a vida dedicou-se ao lar, Terezinha Melo da Paixão, conhecida como dona Tereza. A quinta filha de uma família de seis irmãos, a caçula das mulheres. Sei que, além do que está registrado nas fotos,tenho poucas lembranças deste tempo. Às vezes paro e com muita atenção escuto minha mãe falar sobre mim. Demarco aqui como minha primeira infância o intervalo de 0 a 5 anos de vida.

Quem fala de mim diz de uma menina travessa, que sempre soube o que queria. Com um gênio forte e determinado muitas vezes brigou com os irmãos para ter o seu espaço. Derrubei um irmão da lona e queimei o mais novo. Era uma criança, e percebo que esta criança não morreu em mim. De vez em quando lembro dela para lutar pelos meus sonhos. Sou consciente que “São estas trocas de vivências, experiências e informações,

ocorridas em grupos heterogêneos que oportunizam o amadurecimento coletivo (D'AVILA, 2003, p. 279).

Minha mãe sempre presente, mulher do lar, presente e severa, mas repleta de ternura e amor. Amava a todos da mesma maneira. Tratava todos com a mesma isonomia. Meu pai, por causa do trabalho, já era mais ausente. Minha alegria era quando ele chegava e nós brincávamos em seu caminhão. Hoje ao olhar para meus alunos, paralelamente ao que contemplo em minha história, entendo o quanto é importante a presença dos pais. Isto por que “A valorização das histórias de vida situa-se na virada hermenêutica em que se compreende os fenômenos sociais como textos e a interpretação como atribuição de sentidos e significados às experiências individuais e coletivas” (SOUZA, 2008, p. 42). Ou seja, a ressignificação do ontem faz com que eu viva um presente novo. Entendo aqui e reafirmo neste momento a importância da família na escola, participando e fazendo da escola do filho um bom lugar para se adentrar.

Quando olho para minha primeira infância observo também a presença de “três mães”, Dinha, Gal e a Terezinha: as duas irmãs mais velhas e minha mãe. Tive uma infância cheia de família e até hoje vivo isto. Na sala de aula está uma professora forte, mas que ainda deita no colo da mãe, uma professora severa, mas que dá beijinhos para acolher. Sei que o amor também educa.

Convivi com a falta também. Meus pais não dispunham de uma condição financeira tão confortável. Não desfrutávamos, por exemplo, de muitos brinquedos. Os brinquedos eram repassados de uns para os outros. Creio que muitas roupas também herdei de minhas irmãs mais velhas. Não estou aqui para emitir um juízo de minha própria história, mas dizer disso me faz bem. Não dá para hoje olhar para trás e não sentir os ecos da minha existência. Olho como Narciso para a minha própria sombra e por hora também me apaixono pela menina-mulher que hoje sou. Gosto de ver a criança Verena brincando dentro de mim. Às vezes gosto de esquecer que cresci. Sei que “Os modelos biográficos assentam-se na inserção individual e coletiva da memória e nas histórias de vida, as quais centram-se na temporalidade, no territórios, na individualização e na individuação e existência e do sentido da vida” (SOUZA, 2008, p. 39).

Outro fato de profunda relevância ao olhar para nós é perceber os lugares, Diferente de Nogueira 2016, não posso falar de lugares, mas de lugar, pois vivi toda a minha infância

em uma única residência. E ao olhar para este lugar, alguns lampejos invadem a minha mente. Percebo como o mundo mudou. Na minha infância havia poucos automóveis circulando pelas ruas, brincar na mesma não era problema. Na rua também aprendi muitas coisas: tinha amigos que tinham mais, mas também outros que tinham menos do que eu. Isto foi um grande aprendizado. Aqui vejo que “O relato não é mais somente considerado em uma perspectiva de pesquisa etnosociológica, mas como um campo de experiência e um instrumento de exploração formadora” (BUENO, CHAMLIAN, SOUSA e CATANI 2006, p. 392). É bom ver que a rua da casa dos meus pais me ensinou muito e ainda me ensina. Penso que foi o primeiro lugar da socialização. Me falou de classes sociais mesmo antes de saber que Marx existia. Aprendi o que era brincadeira de menino e menina, mesmo sem ter que alguém me falar de gênero.

A rua foi e é um palco indescritível. A saudade invade o meu ser por perceber que nesta rua muitos não mais transitam: uns transitam em outra dimensão do existir, outros as forças físicas não permitem. Uma destas lembranças é de meu irmão Adson que muitas vezes por ali passou com seu caminhão, instrumento de trabalho, mas este mesmo caminhão o tirou de nós. Falar da perda ainda é difícil, mas também é pedagógico, pois muitas coisas mudaram em minha vida com esta ausência, inclusive minha escolha pela pedagogia. Não sei mais se morei na Rua Professor Mata Pereira ou se esta rua mora em mim. “Voltamos então à geografia, que buscou entender o lugar não apenas como localização, mas como fenômeno experienciado pelos homens que nele vive” (NOGUEIRA, 2004, p. 210).

É importante salientar aqui que embora nesse primeiro tópico quisesse eu falar dos primeiros cinco anos de minha vida, não volto ao passado, mas acesso às marcas do passado que moram em mim. Deixo a memória falar. Vou e volto, volto e vou. A vida é cíclica. É interessante que “Se nossos estudos perdem de vista o sentido narrativo, portanto construído, instável e efêmero das narrativas da memória, então temos que repor nossa concepção sobre passado e verdade, na intersecção com a memória e as histórias”(STEPHANOU, 2008, p. 29).

Casa, Criativa e Comendador Temístocles... Espaços que marcaram minha formação inicial.

Quando olho para a minha segunda infância vejo a inserção e a presença da escola em minha vida. Penso que entrar na escola é uma mistura de sentimentos para qualquer criança: medos, curiosidades, expectativas e renúncias. Saia da casa de meus pais e irmão para viver em um mundo muito diferente daquele que eu estava acostumada. Na verdade “Na sala de aula, novas relações se iniciam, ou antigas concepções se mantêm; papéis podem ser construídos e reeditados; o novo e o antigo dialogam, possíveis de serem reinventados na dinâmica das tarefas cotidianas, dos avanços, retrocessos e desafios” (GALVÃO 2013, p. 138).

A primeira escola/instituição da minha vida em que entrei quando tinha três anos foi a Criativa, escola particular em que o nome foi modificado para Centro Educacional Maria Milza – CEMAM. Um método de ensino que as professoras desta escola/instituição utilizava era “A casinha feliz” que era fecundo na arte de ensinar as vogais. Diferentes de outros momentos percebo que nem sempre o passado está ligado ao arcaico ou tradicional, pois este método ensina de forma artística, a arte envolve as crianças e promove a saída daquele exercício exaustivo de simplesmente repetir palavras. Vejo isto com extrema importância pois “enquanto o foco do ensino for conteúdo, estará posta a impossibilidade complexa e interdisciplinar” (MUGSCHL,2013, p. 163).

Duas cenas ainda envolvem a minha mente quando lembro desta etapa da minha vida. A primeira foi vivenciada na própria escola Criativa quando minha irmã Gal levava-nos para a escola. Minha irmã é negra e por isto os outros colegas de classe zombava-a por isto, o que me deixava muito irritada. Percebo aqui que além de não ser linear “as histórias de vida, no verdadeiro sentido do termo, abarcam a globalidade da vida em todos os seus aspectos, em todas as suas dimensões passadas presentes e futuras e na sua dinâmica própria” (JOSSO,2014, p.31). Ainda hoje percebo o quanto isto me inquieta. Lembro-me de uma polemica em minha cidade de uma “professora” que recebia todas as crianças com um beijo e que, ao ver uma criança negra, deixou de abraçar e beijar. A pessoa/pedagoga que hoje eu sou não permite em seu repertório nenhum ranço de preconceito. Em minhas aulas

procuro desenvolver tarefas e dinâmicas constantes que visem reprovar qualquer gesto que minimize o outro. Sei da minha responsabilidade como educadora de produzir na minha prática cotidiana.

... um currículo etnoimplicado se apresenta como resultante da sua origem fundada na experiência sociocultural daqueles com ele envolvidos, ao mesmo tempo em que transforma esta experiência numa pauta reconhecida como modo de afirmação das pertencimentos que orientam os debates com as quais os conhecimentos e atividades eleitas como formativas são escolhidas e organizadas enquanto currículo proposto e praticado. (MACEDO, 2013, p. 433).

Entendo que a minha prática docente é permeada de valores. Outro fato que me marcou, agora já na Escola Estadual Comendador Temístocles foi o carinho e a admiração que tínhamos pela professora Eulina. Nossas brincadeiras muitas vezes era ser professora como Eulina. Queríamos crescer e ser professora como ela. Contemplar este momento faz-me perguntar como os meus alunos hoje me vêm e isto para mim é extremamente formativo, pois na minha vida Eulina já semeava a semente da pedagoga que hoje sou e eu também estou ciente que semeio e preciso sempre semear sementes naqueles que no futuro poderão formar novas consciências. Fugimos aqui da ideia que tinha “a concepção tradicional de formação inicial de profissionais apenas como propedêutica, em forma teórica dissociada de experiências e conhecimentos adquiridos pela experiência de trabalho, não responde às necessidades de reconversão profissional que a contemporaneidade coloca” (MUSSI 2013, p. 49).

Paralelo a vida estudantil estava a minha vida familiar. Os tempos eram outros, as músicas eram outras, os costumes eram completamente diferentes, ou seja, nada é igual, inclusive o lugar. Entendo que

[...] o lugar é um importante componente de nossa identidade como sujeito. Os homens de muitos lugares são reconhecidos pelas características que levam deles através dos componentes culturais: hábito alimentar, linguagem, vestimenta, crenças etc. assim, o lugar circula, migra; as pessoas carregam os lugares consigo (NOGUEIRA 2004, p. 28).

Na escola família percebo e relembro o quanto minha mãe era severa. Lembro-me como se fosse hoje que ela nos corrigia muito para que nós não machucássemos. Um certo dia minha irmã Kelly, que está entre eu e minha irmã mais velha, caiu e machucou o joelho. Por saber da severidade de minha mãe e que íamos ser advertidas por ela, pedimos a ela, nossa irmã, que “engolisse o choro” Ela escondeu que estava machucada e fomos dormir. No dia seguinte Kelly acordou com o joelho todo inchado, o que fez com que todos fossemos advertidos por minha mãe Tereza. Sem a pretensão de ter dito tudo, sigo minha vida olhando para o retrovisor. O olhar severo de minha mãe lá atrás ainda conduz a pessoa/pedagoga de hoje, mesmo que meu olhar esteja tomado de criticidade.

A vida continua...

Por fim, faço aqui um paralelo entre a infância de hoje e a de ontem com um certo saudosismo do passado. Tenho consciência que a criança de hoje está muito distante da criança que fui. As brincadeiras de rua foram substituídas pelo computador e pelo videogame. Os gritos da mãe foram trocadas pelas mensagens no WhatsApp. A liberdade que tínhamos deram lugar ao medo e a violência. Não se trata aqui emitir um julgamento hermenêutico, dizendo que era seria a melhor, mas o certo é que muitas vezes me vejo perdida em um mundo que não aprendi a viver. Em fim percebo que “As interações humanas na perspectiva sócio-histórica permitem pensar um ser humano em constante construção e transformação que, mediante as interações sociais, conquista e confere novos significados e olhares para a vida em sociedade e os acordos grupais” (MARTINS 2009, p. 56).

Na verdade o que buscamos fazer aqui foi um paralelo entre o que sou hoje como pessoa/pedagoga/professora com aquilo que fui ontem. Outrora criança, agora mulher. Outrora aluna, agora professora. Um dia formada, agora também formadora. O passado e o presente se conjugam nas itinerâncias de meu ser hoje. Narrativas de vida e vida em narrativas.

Referencias

BUENO, Belmira Oliveira; CHAMLIAN, Helena Coharik; SOUSA, Cyntia Pereira de ; CATANI, Denice Bárbara. Histórias de vida e autobiografia na formação de professores e profissão docente (Brasil, 1985-2003). **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n.2, p. 385-410, 2006.

DELORY-MOMBERGER, Cristine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação**. Dez 2012, vol. 17, no. 51, p. 523 – 536.

DELORY-MOMBERGER, Cristine. **As histórias de vida – Da invenção de si ao projeto de formação**. Natal: EDUFRN; Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2014.

GALVÃO, Nelma de Cássia Silva Sandes. Formação de professor, iniciação a docência e experiências com o PIBID educação especial. IN PIMENTEL, Susana Couto; LOPES, Adriana Lourenço; SOUZA, Leila Damiana Almeida dos Santos. **Formação de professores: Políticas, saberes e práticas**. Feira de Santana, Shekinah, 2013.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Trad. José Cláudio e Júlia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2004.

MACEDO, Roberto Sidney. **Atos de currículos: uma incessante atividade etnometódica e fonte de análise de práticas curriculantes**. Currículos sem fronteiras, v.13,n.3,p.427-435, set/dez.2013.

MARTINS, João Carlos. PIMENTEL, Lucilla da Silveira Leite Pimentel. Rio de Janeiro: Wak ed., 2009.

MENEZES, Cecília Maria de Alencar. Educação Continuada de Educadores: Superando ambiguidades conceituais. **Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, vol. 12. n° 20, p. 311 – 320, jul./dez., 2003.

MUGSCHL, Sonia Maria C. P.; CABRERA, Isabel Ibarra. Licenciatura e inovação: um jogo de encaixe que não pode ser perdido de vista. IN PIMENTEL, Susana Couto; LOPES, Adriana Lourenço; SOUZA, Leila Damiana Almeida dos Santos. **Formação de professores: Políticas, saberes e práticas**. Feira de Santana, Shekinah, 2013.

MUSSI, Amali de Angelis. A formação do professor atuação na educação básica: diálogos acerca das propostas formativas na perspectiva da profissionalidade docente. IN PIMENTEL, Susana Couto; LOPES, Adriana Lourenço; SOUZA, Leila Damiana Almeida dos Santos. **Formação de professores: Políticas, saberes e práticas**. Feira de Santana, Shekinah, 2013.

NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. Uma interpretação fenomenológica na geografia. In SILVA, Aldo A. Dantas da; GALENO, Alex. **Geografia: Ciência do Complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2004.

SOUZA, Elizeu Clementino. (Auto)Biografia, identidades e Alteridade: modos de Narração, Escritas de Si e Práticas de Formação na Pós – Graduação. **Revista Forum Identidades**, Natal/RN. Ano 2, v. 4 – p. 37-50 – jul-dez de 2008.

STEPHANOU, Maria. Jogos de memórias nas esquinas dos tempos: territórios e políticas das práticas da pesquisa (auto)biográfica na pós-graduação em Educação no Brasil. In.: SOUZA, Elizeu Clementino de e PASSEGI, Maria da Conceição (Org.). **Pesquisa (auto)biográfica: cotidiano, imaginário e memória**. São Paulo: PAULUS; Natal: EDUFRN, 2008, PP. 19/53.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Planejamento, Projeto de Ensino Aprendizagem e Projeto Político Pedagógico**. São Paulo: Libertad, 2006.